

JOGOS COOPERATIVOS: APROXIMAÇÃO, APLICAÇÃO E REFLEXÃO DE UMA PEDAGOGA

Ligia Calandro Mendes e Ronê Paiano

Os jogos cooperativos, como afirma Brotto (2001), surgiram da preocupação com a excessiva valorização dada ao individualismo e à competição na cultura ocidental. Foram criados com o objetivo de promover a auto-estima e o desenvolvimento de habilidades interpessoais positivas. Apliquei meu projeto, por dois meses, em aulas semanais, com uma hora de duração, em uma escola pública, com 25 crianças, na faixa etária de dez e onze anos, caracterizadas, pelas professoras, como agressivas, briguentas e com dificuldade de se relacionar. Ao longo das aulas as crianças foram me conhecendo, respeitando, criando um vínculo de afetividade, sendo que foram poucas às vezes em que eu tive que intervir por causa de brigas e provocações. Penso que esta experiência permitiu que ocorressem muitas conquistas tanto para mim quanto para as crianças. No meu caso, sinto que aprendi a lidar melhor com as situações adversas que vivenciei e consegui colocar em prática os jogos cooperativos planejados. Em relação às crianças, elas foram estimuladas, dentre outras coisas, a se expressar e ouvir nas rodas de conversa, dar as mãos em um pega-pega corrente, se abraçar na brincadeira da pipoca, atuar coletivamente no pára-quedas, enfim a se respeitarem. Passar por essa experiência com os jogos cooperativos, mesmo que por pouco tempo, talvez possa ter ajudado as crianças a mudarem seus comportamentos e atitudes. Se estas mudanças irão se cristalizar não temos como saber, mas, quem sabe um dia elas se lembrem dessa experiência e coloquem em prática o companheirismo, a solidariedade e o respeito ao outro, como um dia fizeram ao jogar cooperativamente.

Palavras chave: jogos cooperativos, educação física, aprendizado

Introdução

Conheci os jogos cooperativos durante o projeto da prefeitura Recreio nas férias, do qual participei durante três anos, em atividades nas quadras com 35 a 43 crianças de 10 a 13 anos. Precisava planejar o que iria fazer durante a semana com as crianças. Em função disto, comecei a pesquisar e querer saber mais sobre os jogos cooperativos foi então que ganhei dois livros sobre esta temática, de autoria do Fabio Brotto, os quais me permitiram apropriar melhor desse tipo de jogo.

Com esta primeira experiência percebi que alguns jogos não cooperativos podem gerar um sentimento de competitividade no ser humano, em um contexto no qual o indivíduo se isola, pensando apenas em si e no resultado. Assim, penso que os jogos cooperativos podem trazer um grande benefício à educação, formando desde cedo indivíduos mais solidários, respeitadores e porque não dizer mais humanos.

Não quero com isto negar a importância da competição, pois, com ela o indivíduo aprende, dentre outras coisas, a lidar com perdas e vitórias percebendo que nem sempre se consegue tudo que se quer. No entanto é preciso que haja um equilíbrio entre cooperar e competir, pois a relação do indivíduo com o jogo pode demonstrar e influenciar a maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo.

Posteriormente tive a oportunidade de participar de uma oficina de jogos cooperativos com o Fabio Brotto, no Congresso saber 2007, o que me motivou ainda mais a utilizar estas atividades.

Utilizo atualmente os jogos cooperativos no meu ambiente de trabalho, no Centro Educacional Hora de Aprender , uma escola particular , com crianças de um ano e meio a dois anos, onde sempre que possível tento trabalhar dentro desta filosofia. A brincadeira que mais utilizo é o pára-quedas e as crianças adoram.

Toda esta vivência e interesse fizeram com que o tema do meu Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI) fosse sobre a possibilidade dos jogos cooperativos contribuírem na melhoria das atitudes das crianças.

Quadro teórico

Os jogos cooperativos, como afirma Brotto (2001), surgiram da preocupação com a excessiva valorização dada ao individualismo e á competição exarcebada na sociedade moderna, mais especificamente, na cultura ocidental. Foram criados com o objetivo de

promover a auto-estima, juntamente com o desenvolvimento de habilidades interpessoais positivas.

Para o mesmo autor, no Brasil os jogos cooperativos tiveram início em 1980 com ações localizadas que começaram a integrá-los. A primeira ação, em 1980, foi a criação da Escola das Nações em Brasília que tinha como proposta pedagógica os jogos cooperativos e a aprendizagem cooperativa. A partir disso foram publicados livros e desenvolvidos estudos sobre o assunto.

Os Jogos Cooperativos não são a única maneira e nem a melhor maneira para promover qualidade de vida e bem estar. Tão pouco, são uma novidade ou coisa recente, afirma Brotto (1997).

Nos últimos anos os Jogos Cooperativos vêm sendo utilizados como estratégia nos mais variados contextos, entre eles: o escolar, o organizacional, o esportivo e o comunitário. Tais jogos podem nos ajudar ainda na simples constatação de que nenhum de nós é mais competente ou capaz do que todos nós juntos.

Para Terry Orlick os jogos cooperativos são algo que “começou a milhares de anos atrás, quando membros das comunidades tribais se uniam para celebrar a vida” (ORLICK, 1982, p.04). Segundo este mesmo autor temos competido em lugares, com pessoas, em momentos que não deveríamos, e muito menos precisaríamos. Temos agido assim, como se essa fosse a única opção.

Concluindo, Brotto (2001, p. 55) afirma que “os jogos cooperativos são jogos de compartilhar, unir pessoas, despertar a coragem para assumir riscos, tendo pouca preocupação com o fracasso e o sucesso em si mesmos”.

Metodologia

Apliquei meu projeto em aulas semanais com uma hora de duração, em uma escola pública, com 25 crianças, na faixa etária de dez e onze anos, por dois meses. Antes de aplicar entrevistei as professoras da escola que caracterizaram as crianças como agressivas, briguentas e com dificuldade de se relacionarem, como na maioria das escolas.

No início estava um pouco ansiosa por alguns motivos. O primeiro era por não saber exatamente, como mediaria alguns conflitos, o segundo era por não saber como as crianças iriam reagir apesar de já tê-los observado nas salas e pátio em dias anteriores.

No começo as aulas demoravam um pouco para começar, pois as crianças só brincavam de lutar, conversavam, se provocavam, além de um grupo, que a escola denominava de “crianças problemas”, que me testava o tempo todo. Isso fazia com que eu saísse de lá um pouco chateada.

Outros, eu saía satisfeita e feliz, pois realmente achava que tinha sido um dia bem tranquilo e produtivo.

Ao longo das aulas as crianças foram me conhecendo e me respeitando, foi criando um vínculo de afetividade, não conversavam tanto, prestavam mais atenção, eram poucas as vezes que eu tinha que intervir por causa de brigas e provocações, o grupo “problema” foi se relacionando melhor comigo o que fez com que a minha satisfação fosse aumentando. Uma das estratégias que utilizei que deu um resultado muito positivo foi a de eleger, todas as aulas, um ajudante (normalmente alguma das crianças problema) isto fez com que eles levassem mais a sério, participassem e cobrassem dos colegas uma postura adequada.

Penso que esta experiência de aplicar jogos cooperativos permitiu que ocorressem muitas conquistas tanto para mim quanto para as crianças.

No meu caso, sinto que aprendi a lidar melhor com as situações adversas que vivenciei, consegui colocar em prática o que são realmente os jogos cooperativos e percebi o valor da educação, quando nos preocupamos com o saber do outro e com os valores dos outros.

Em relação às crianças, a vivência destas atividades permitiu que elas pudessem se aproximar dos colegas de uma maneira mais respeitosa e não apenas para brigar como era muito comum. Foram estimuladas, dentre outras coisas, a se expressar e ouvir nas rodas de conversa, dar as mãos em um pega-pega corrente, se abraçar na brincadeira da pipoca, atuar coletivamente no pára-quedas, enfim a se respeitarem.

Passar por essa experiência com os jogos cooperativos, mesmo que por pouco tempo, talvez possa ter ajudado as crianças a mudarem seus comportamentos e atitudes. Se estas mudanças irão se cristalizar não temos como saber, mas, quem sabe um dia elas se lembrem dessa experiência e coloquem em prática o companheirismo, a solidariedade e o respeito ao outro, como um dia fizeram ao jogar cooperativamente.

Referências Bibliográficas

BROTTO, F. O. Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos, SP: Projeto Cooperação, 1997

_____. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência.** Santos, SP: Projeto Cooperação, 2001.

ORLICK, T. Vencendo a competição. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.